

Que canto entoaram as sereias, ou que nome Aquiles adotou, quando se ocultou entre as mulheres, são perguntas que, conquanto embaraçosas, não se acham além de quaisquer conjeturas.

Sir Thomas Browne

As condições mentais consideradas como analíticas são, em si, pouco suscetíveis de análise. Apreciamos-las somente em seus efeitos. Delas, sabemos que são sempre, entre outras coisas, para os que as possuem em alto grau, uma fonte dos mais vivos prazeres. Assim como o homem forte exulta com sua capacidade física, deleitando-se com exercícios que põem os seus músculos em ação, assim também o analista experimenta grande satisfação com a atividade intelectual que lhe permite *desemaranhar* as coisas. Sente prazer até com as ocupações mais triviais que põem em jogo o seu talento. Gosta de enigmas, adivinhações, hieróglifos, revelando, em cada uma de suas soluções, uma *agudeza* que parece sobrenatural às pessoas comuns. Os resultados, obtidos devido apenas ao espírito e à essência do método que empregam, têm, na verdade, a aparência completa de uma intuição.

Essa faculdade de resolver tais problemas talvez seja muito fortalecida pelos estudos matemáticos e, principalmente, por esse seu importantíssimo ramo que, de maneira inadequada, é chamado, *par excellence*, por aqueles que só levam em conta as suas operações passadas, de análise. No entanto, calcular não é o mesmo que analisar. Um exadrista, por exemplo, efetua uma dessas coisas, sem esforçar-se quanto à outra. Segue-se daí que o jogo de xadrez, em seus efeitos sobre o caráter mental, é muito mal compreendido. Não estou, neste momento, escrevendo um tra-

tado, mas, simplesmente, prefaciando uma narrativa um tanto peculiar, com observações feitas bastante ao acaso. Aproveitarei, pois, esta ocasião para afirmar que as faculdades mais importantes da inteligência reflexiva agem de maneira mais decisiva e útil no simples jogo de damas do que em toda essa frivolidade complicada do xadrez. Neste último, onde as peças têm movimentos diferentes e estranhos, com valores vários e variáveis, o que é apenas complexo é considerado (erro nada incomum) profundo. A *atenção*, aqui, é poderosamente posta em jogo. Se se descuida um instante, e se comete um engano, os resultados implicam perda ou derrota. Como os movimentos possíveis não são apenas variados, como também complicados, as possibilidades de tais descuidos se multiplicam e, nove em cada dez casos, é o jogador mais atento o que vence, e não o mais perspicaz. No jogo de damas, pelo contrário, onde os movimentos são *únicos* e têm pouca variação, são diminutas as probabilidades de descuido e, como a atenção quase não é empregada, as vantagens obtidas por uma ou outra das partes são conseguidas devido a uma *perspicácia* superior. Exemplificando o que dissemos, suponhamos um jogo de damas em que as peças sejam reduzidas a quatro reis e onde, naturalmente, não é de se esperar qualquer descuido. É evidente que, aqui, a vitória só poderá ser decidida (achando-se os jogadores em igualdade de condições) pelo movimento *recherché*¹ resultante de um determinado esforço de inteligência. Privado de recursos ordinários, o analista penetra no espírito de seu oponente, identifica-se com ele e, não raro, vê, num relance, o único meio (às vezes absurdamente simples) mediante o qual poderá induzi-lo a engano ou levá-lo a um erro de cálculo.

Desde há muito se reconhece a influência do *whist*² sobre o que se chama o poder de cálculo, e sabe-se que homens dotados de grande capacidade intelectual têm experimentado, ao que parece, indizível satisfação nesse jogo, ao mesmo tempo que consideram o xadrez uma frivolidade.

¹ Rebuscado. (N. do E.)

² É uma variante do jogo de cartas na qual predomina o recurso ao cálculo das probabilidades. (N. do E.)

Não há a menor dúvida de que não existe nada como esse jogo para incentivar a faculdade analítica. O melhor enxadrista do mundo não passa de *o melhor enxadrista*; mas uma grande capacidade para o *whist* implica uma capacidade para o triunfo em todos os empreendimentos importantes em que a inteligência depara com a inteligência. Quando digo capacidade, refiro-me àquela perfeição no jogo que inclui uma compreensão de *todas* as fontes de onde se deriva uma legítima vantagem. Estas não são apenas diversas, mas multiformes, e se acham, não raro, nas profundidades do pensamento, inteiramente inacessíveis às inteligências comuns.

Observar atentamente é lembrar distintamente, e, sob este aspecto, o jogador de xadrez capaz de intensa concentração se sairá muito bem no *whist*, pois as regras de Hoyle, baseadas no puro mecanismo do jogo, são suficientes e geralmente inteligíveis. Possuir-se, pois, boa memória e proceder-se de acordo com as regras do jogo são coisas que constituem, comumente, pontos ganhos, e que são consideradas como qualidades de um bom jogador. Mas nos casos que se encontram fora dos limites das simples regras é que se revela a habilidade do analista. Este faz, em silêncio, um grande número de observações e inferências. Seus companheiros talvez façam outro tanto, e a diferença quanto à extensão da informação assim obtida não reside tanto na validade da inferência, como na qualidade da observação. O que é necessário é saber *o que* observar. Nosso jogador não se limita unicamente ao jogo e, embora este constitua o objeto imediato de sua atenção, não deixa de tirar deduções de coisas alheias ao jogo. Examina a fisionomia de seu companheiro, comparando-a cuidadosamente com a de cada um de seus oponentes. Observa a maneira de distribuir as cartas, cada vez que estas são dadas, contando, não raro, trunfo por trunfo e ponto por ponto, por meio dos olhares lançados pelos jogadores às suas cartas. Nota todas as variações que se operam nas fisionomias à medida que o jogo prossegue, reunindo grande número de idéias através das diferenças que observa nas expressões dos companheiros: expressões de seguran-

ça, de surpresa, de triunfo ou de pesar. Pela maneira de comportar-se diante de um blefe, percebe se a pessoa poderá blefar logo a seguir. Reconhece uma jogada maliciosa pela maneira com que a carta é lançada sobre a mesa. Uma palavra casual ou inadvertida, o modo acidental com que cai uma carta ou é ela virada, com a ansiedade ou a indiferença com que se procura ocultá-la; a contagem dos pontos e a ordem de sua colocação; o embaraço, a hesitação, o entusiasmo ou o receio — tudo isso proporciona, à sua percepção aparentemente intuitiva, indicações quanto ao verdadeiro estado de coisas. As primeiras duas ou três rodadas tendo sido jogadas, conhece perfeitamente o jogo de cada um e, a partir de então, lança suas cartas com tão absoluta precisão como se os outros jogadores tivessem as suas cartas com as faces voltadas para ele.

O poder analítico não deveria ser confundido com uma simples habilidade, pois enquanto o analista é, necessariamente, engenhoso, o homem engenhoso é, não raro, notavelmente incapaz de análise. A faculdade construtiva ou de combinação com que a engenhosidade habitualmente se manifesta, e à qual os frenologistas (creio que erroneamente) atribuem um órgão à parte, supondo tratar-se de uma faculdade primitiva, tem sido vista, tão amiúde, em indivíduos cuja inteligência, por outro lado, se acha tão próxima da idiotice, a ponto de atrair a atenção geral dos autores que tratam de temas morais. Entre a engenhosidade e a capacidade analítica existe uma diferença muito maior, na verdade, do que a que existe entre a fantasia e a imaginação, embora de caráter estritamente análogo. Verificar-se-á, de fato, que o homem engenhoso é sempre imaginoso, enquanto que o verdadeiramente imaginativo não deixa jamais de ser analítico.

A narrativa que se segue servirá de certo modo, ao leitor, como um comentário sobre as proposições que acabo de apresentar.

Residindo em Paris durante a primavera e parte do verão de 18... , travei lá conhecimento com um certo Monsieur C. Auguste Dupin. Pertencia este jovem cavalheiro a uma excelente, ou melhor, a uma ilustre família, mas, devido a

uma série de acontecimentos adversos, ficara reduzido a tal pobreza, que a energia de seu caráter sucumbira, fazendo com que renunciasse às suas ambições mundanas e ao desejo de refazer os seus bens. Por cortesia de seus credores, ficou ainda em seu poder uma pequena parte de seu patrimônio e, com as rendas que daí lhe advinham, conseguia, mediante rigorosa economia, obter o necessário para a sua manutenção, sem se preocupar com coisas supérfluas. Na verdade, os livros constituíam o seu único luxo e, em Paris, são eles facilmente obtidos.

Nosso primeiro encontro se verificou numa modesta livraria da Rue Montmartre, onde a procura, acidental, do mesmo volume, raro e notável, nos pôs em estreita comunhão. Vimo-nos, depois, muitas e muitas vezes. Interessou-me profundamente a pequena história de família que ele me contou pormenorizadamente, com toda a franqueza com que um francês fala quando ele próprio é o tema da conversa. Surpreendeu-me, também, a vasta extensão de suas leituras e, acima de tudo, senti-me inflamado pelo intenso ardor e extrema vivacidade de sua imaginação. Procurando, em Paris, os objetos que eu então buscava, achei que a companhia de tal homem seria, para mim, um verdadeiro tesouro. E confessei-lhe, francamente, esse meu sentimento. Ficou, afinal, assentado que viveríamos juntos durante a minha permanência na cidade — e, como a minha situação financeira fosse melhor que a dele, coube-me a despesa de alugar e mobiliar, num estilo que estivesse de acordo com o caráter um tanto fantástico e taciturno de nosso temperamento, um velho e grotesco casarão, arruinado pelo tempo, havia muito desabitado, devido a superstições que não nos detivemos a averiguar. A casa, situada num recanto desolado e retirado de Faubourg Saint-Germain, era tão velha, que estremecia sob nossos passos, como se estivesse prestes a ruir.

Se a rotina da vida que ali levávamos fosse conhecida do mundo, teríamos sido considerados loucos — ou, talvez, loucos inofensivos. Nossa reclusão era total. Não recebíamos visita alguma. Na verdade, o lugar de nosso retiro foi mantido cuidadosamente em segredo, até para os meus an-

tigos camaradas, e fazia já muito tempo que Dupin deixara de procurar os outros ou de ser procurado em Paris. Vivíamos só para nós.

Uma das esquisitices de meu amigo (pois de que outro modo poderia chamá-la) era estar apaixonado pela noite. Mas, como acontecia com todas as outras suas extravagâncias, aceitei essa sua esquisitice, e me entregava, com perfeito *abandono*, aos seus mais singulares caprichos. A negra divindade nem sempre se achava em nossa companhia, mas podíamos fingir que ela estava presente. Mal raiava o dia, fechávamos os maciços postigos de nossa velha casa e acendíamos um par de velas intensamente perfumadas, que lançavam apenas fracos e pálidos raios. Graças a elas mergulhávamos em sonhos, lendo, escrevendo ou conversando, até que o relógio nos advertia da chegada das verdadeiras trevas. Então, saíamos pelas ruas, de braço dado, continuando a conversa do dia e vagando a esmo até muito longe e até horas tardias, procurando, entre as luzes e as sombras fantásticas da populosa cidade, as inumeráveis excitações mentais que a observação tranqüila pode proporcionar.

Nessas ocasiões, não podia deixar de observar e admirar (embora já estivesse preparado para esperá-lo da rica imaginação de meu amigo) uma peculiar capacidade analítica em Dupin. Parecia, também, experimentar viva satisfação em exercitar tal faculdade — embora não a aplicasse concretamente — e não hesitava em confessar o prazer que isso lhe causava. Dizia-me, com vanglória e um sorriso zombeteiro, que quase todos os homens, para ele, tinham janelas em seus peitos, e costumava confirmar tais afirmativas com provas diretas e surpreendentes do íntimo conhecimento que tinha de minha pessoa. Em tais momentos, suas maneiras eram glaciais e absortas. Seus olhos tornavam-se vagos, sem expressão, enquanto sua voz, que possuía, habitualmente, um timbre rico de tenor, se elevava até um tom que teria parecido petulante, não fora a ponderada e completa clareza de sua enunciação. Observando-o durante tais estados de ânimo, eu meditava sobre a velha filosofia

da alma bipartida, divertindo-me em imaginar um duplo Dupin — o criador e o analítico.

Não se suponha, pelo que acabo de dizer, que estou particularizando algum mistério ou escrevendo algum romance. O que descrevi sobre esse francês não é senão o resultado de uma inteligência excitada, ou, talvez, enferma. Um exemplo dará melhor idéia do caráter de suas observações, durante a época a que me refiro.

Caminhávamos, certa noite, por uma rua longa e suja, nas imediações do Palais Royal. Mergulhados ambos em nossos pensamentos, nenhum de nós proferira uma única palavra pelo menos durante os últimos quinze minutos. Súbito, Dupin irrompeu com estas palavras:

— Na verdade, esse rapaz é muito pequeno e estaria melhor no Théâtre des Variétés.

— Não há a menor dúvida — respondi, sem prestar atenção ao que dizia e sem observar, a princípio (tão absorto estava em minhas meditações), a maneira extraordinária pela qual meu interlocutor penetrara em minhas meditações.

Decorrido um instante, voltei a mim e senti-me tomado de profundo assombro.

— Dupin — disse eu, gravemente —, isso está além de minha compreensão. Não vacilo em confessar que estou perplexo, mal podendo acreditar em meus sentidos. Como é possível que você soubesse em que eu estava pensando?

Aqui, fiz uma pausa, a fim de certificar-me, sem sombra de dúvida, de que ele realmente sabia em que eu estava pensando.

— Em Chantilly — disse ele. — Por que é que você interrompeu seus pensamentos? Você dizia a si mesmo que sua diminuta estatura não era apropriada para a tragédia.

Era precisamente isso que constituía o assunto de minhas reflexões. Chantilly era um ex-sapateiro da Rua St. Denis, que, apaixonado pelo teatro, tentara estudar o papel de Xerxes, na tragédia de Crébillon desse mesmo nome, mas cujos esforços haviam redundado em ridículo público.

— Diga-me, pelo amor de Deus — exclamei —, qual o

método, se é que há algum método, pelo qual você conseguiu penetrar em minha alma, neste caso.

Na verdade, eu estava mais atônito do que teria desejado confessar.

— Foi o vendedor de frutas — respondeu o meu amigo — que fez com que você chegasse à conclusão de que o sapateiro remendão não tinha estatura suficiente para representar o papel de Xerxes *et id genus omne*¹.

— O vendedor de frutas? Você me assombra! Não conheço vendedor de frutas algum.

— O homem em quem você esbarrou ao entrar nesta rua, há uns quinze minutos, aproximadamente.

Lembrei-me, então, que, na verdade, um vendedor de frutas, carregando à cabeça uma grande cesta de maçãs, quase me lançara por terra, inadvertidamente, quando passamos da Rua C. . . para aquela em que agora nos encontramos. Mas o que eu não podia entender era o que isso tinha que ver com Chantilly.

Nada havia de charlatanice em Dupin.

— Explicarei — disse ele — e, para que você possa compreender tudo claramente, refaremos de novo o curso de suas meditações, desde o momento em que falei com você até o nosso encontro com o vendedor de frutas em questão. Os elos principais da cadeia seguem a seguinte ordem: Chantilly, Órion, Doutor Nichols, Epicuro, estereotomia, as pedras da rua, o vendedor de frutas.

Poucas pessoas existem que não se hajam divertido, em algum momento de sua vida, em reconstruir os passos pelos quais chegaram a certas conclusões. Tal ocupação é, não raro, cheia de interesse, e aquele que a tenta pela primeira vez fica surpreso ante a aparente distância ilimitada e a incoerência existente entre o ponto de partida e o objetivo final. Qual, porém, não deve ter sido o meu assombro ao ouvir o que o francês acabava de dizer, e ao verificar que ele, de fato, falava a verdade. Ele prosseguiu:

— Se bem me lembro, falávamos de cavalos, pouco antes de deixarmos a Rua C. . . Foi a última coisa que discutimos. Ao entrarmos nesta rua, um vendedor de fru-

¹ *E coisas do gênero. (N. do E.)*

tas, com um grande cesto à cabeça, passando rapidamente por nós, empurrou você sobre um monte de paralelepípedos, num lugar em que o calçamento está sendo reparado. Você pisou numa das pedras soltas, escorregou, magoou ligeiramente o tornozelo, revelou um pouco de desagrado ou mau humor, murmurou algumas palavras, voltou-se para olhar o monte de pedras e, depois, continuou o seu caminho em silêncio. Não prestei, particularmente, atenção ao que você fez, mas, nos últimos tempos, a observação se tornou, para mim, uma espécie de necessidade. Você conservou os olhos fixos no chão — olhando, com ar petulante, para os buracos e sulcos existentes na rua (de modo que vi que você pensava ainda nas pedras), até que chegamos a uma travessa chamada Lamartine, que fora pavimentada, à guisa de experiência, com as pedras sobrepostas e bem unidas. Seu rosto, então, se animou, e percebi que você murmurou a palavra “estereotomia”, termo muito bem aplicado a essa espécie de pavimentação. Sabia que você não podia repetir para si mesmo a palavra “estereotomia” sem ser levado a pensar em átomos e, por conseguinte, nas teorias de Epicuro; e como, quando discutimos, ainda recentemente, esse tema, eu me referi à maneira singular, embora notada, com que as vagas suposições desse nobre grego, haviam sido confirmadas pela recente cosmogonia nebular, compreendi que você não poderia deixar de erguer os olhos para a grande *nebula* de Órion, coisa que, com toda a segurança, esperei que você fizesse. E você olhou para o alto — e eu tive, então, a certeza de que seguira acertadamente os seus pensamentos. Mas, naquela amarga *tirade* sobre Chantilly, duplicada ontem no *Musée*, o escritor satírico, fazendo certas alusões maldosas à mudança de nome do sapateiro ao usar o coturno, citou um verso latino sobre o qual temos conversado muitas vezes. Refiro-me ao verso: *Perdidit antiquum litera prima sonum*¹. Eu lhe dissera que isso se referia a Órion, que, a princípio, se escrevia Úrion. E como tivemos algumas discussões um tanto apaixonadas sobre essa minha interpretação, tive a certeza de que você não a havia esquecido. Era claro, portanto, que você não dei-

¹ *As primeiras letras perderam seus primitivos sons. (N. do E.)*

xaria de relacionar as duas idéias: Órion e Chantilly. Que você as relacionou, vi-o claramente pela expressão do sorriso que lhe passou pelos lábios. Pensou na imolação do pobre sapateiro. Até então, estivera andando com o corpo curvado; mas, a partir daquele instante, você endireitou o corpo. Tive, então, a certeza de que você pensava na minúscula figura de Chantilly. Nessa altura, interrompi suas meditações para observar que, na verdade, ele era um sujeito muito pequeno... esse tal Chantilly... e que estaria melhor no *Théâtre des Variétés*.

Pouco depois dessa conversa, folheávamos uma edição notpertina da *Gazette des Tribunaux*, quando a seguinte notícia nos chamou a atenção:

CRIMES EXTRAORDINÁRIOS

Esta madrugada, cerca das três horas, os moradores do quartier¹ Saint-Roche foram despertados por uma série de gritos espantosos, que pareciam vir do quarto andar de uma casa da Rua Morgue, ocupado, segundo se diz, por uma tal Madame L'Espanaye e por sua filha, Mademoiselle Camille L'Espanaye. Após alguma demora, ocasionada por tentativas infrutíferas no sentido de se entrar na casa sem o emprego de violência, a porta de entrada foi arrombada por meio de uma alavanca, e oito ou dez vizinhos lá penetraram, acompanhados de dois gendarmes. A essa altura, os gritos já haviam cessado; mas, quando o grupo de pessoas já se achava no primeiro lance de escadas, duas ou mais vozes ásperas, em violenta discussão, foram ouvidas, parecendo provir da parte superior da casa. Ao chegarem ao segundo patamar, tais gritos também haviam cessado, e tudo permanecia na mais perfeita calma. O grupo dividiu-se, passando a examinar apressadamente todos os aposentos. Quando alguns de seus componentes chegaram a um grande quarto da parte traseira da casa, no quarto andar (e cuja porta, estando fechada por dentro, precisou ser arrombada), depararam com um espetáculo que encheu a todos não só de horror como de assombro.

O aposento achava-se na mais completa desordem, os

¹ Bairro. (N. do E.)

móveis quebrados e lançados por todos os cantos. Não restava, intata, senão a armação de uma cama, cujo enxergão havia sido arrancado e atirado no meio do assoalho. Sobre uma cadeira, havia uma navalha, manchada de sangue. Junto à lareira, havia duas ou três longas e grossas tranças de cabelo humano grisalho, também empapadas de sangue, e que pareciam ter sido arrancadas desde a raiz. Sobre o chão, foram encontrados quatro napoleões, um brinco de topázio, três grandes colheres de prata, três colherinhas de metal d'Alger, e duas bolsas, contendo quase quatro mil francos em ouro. As gavetas de um móvel, que se achava a um canto, estavam abertas e, ao que parecia, haviam sido saqueadas, embora ainda restassem nelas muitos objetos. Um pequeno cofre de ferro foi descoberto debaixo da cama (e não sob a armação da mesma). Estava aberto, conservando ainda a chave na fechadura. Não continha senão algumas velhas cartas, bem como outros papéis de pouca importância.

De Madame L'Espanaye, não havia sinal algum; mas uma quantidade pouco comum de fuligem podia ser observada junto à lareira. Isso fez com que se examinasse a chaminé e (coisa horrível de contar-se!) o cadáver da filha, dependurado de cabeça para baixo, foi retirado de seu interior, onde fora empurrado, pela estreita abertura, até uma altura considerável. O corpo ainda estava quente. Ao ser examinado, foram notadas muitas escoriações, causadas, sem dúvida, pela violência com que fora lá introduzido e retirado. Sobre o rosto, havia muitos e profundos arranhões e, no pescoço, manchas escuras e acentuadas marcas de unhas, como se a vítima houvesse sido estrangulada.

Depois de meticulosa investigação por toda a casa, sem que nada mais fosse descoberto, o grupo de pessoas penetrou num pequeno quintal cimentado, no fundo do edifício, onde jazia o corpo da velha senhora, com a garganta tão inteiramente cortada, que, ao tentar-se levantar o cadáver, a cabeça se desprende. Tanto o corpo como a cabeça estavam horrivelmente mutilados, sendo que esta última mal conservava qualquer aparência humana.

Até agora, não existe o menor indício que permita esclarecer este horrível mistério.

O jornal do dia seguinte trazia alguns novos pormenores:

A TRAGÉDIA DA RUA MORGUE

Muitas pessoas foram interrogadas com respeito a esse extraordinário e horrível affaire¹, mas não se chegou a nada que lance luz sobre o caso. Damos abaixo todas as declarações que foram prestadas:

Pauline Dubourg, lavadeira, declara haver conhecido, por espaço de três anos, ambas as vítimas, tendo lavado para elas durante todo esse tempo. Tanto a mãe como a filha pareciam viver em boa harmonia, tratando-se, reciprocamente, de maneira muito afetuosa. Pagavam-lhe com a máxima pontualidade. Nada sabia dizer quanto à sua maneira ou os seus meios de vida. Supunha que Madame L. era cartomante, assegurando, desse modo, a sua subsistência. Dizia-se que guardava dinheiro. Jamais encontrara pessoa alguma na casa, quando ia buscar ou entregar a roupa. Estava certa de que não tinham empregada. Parecia não haver móveis em parte alguma da casa, salvo no quarto andar.

Pierre Moreau, tabaqueiro, declarou que costumava vender pequenas quantidades de tabaco e de rapé a Madame L'Españaye, fazendo-o durante quase quatro anos. Nascera nas vizinhanças, onde sempre residira. Mãe e filha ocupavam, havia mais de seis anos, a casa onde foram encontrados os cadáveres. A casa fora ocupada, anteriormente, por um joalheiro, que, por sua vez, alugava os aposentos superiores a várias pessoas. A casa pertencia a Madame L. Ficara aborrecida com os abusos de seu inquilino e mudara-se para lá, recusando-se a alugar qualquer parte do prédio. Parecia um tanto caduca, devido à idade. A testemu-

¹ A palavra affaire não tem ainda, na França, a pouca importância que se lhe dá entre nós. (N. do T.)

nha vira a sua filha umas cinco ou seis vezes, durante os últimos seis anos. Viviam ambas quase que em completa reclusão; dizia-se que tinham dinheiro. Ouvira dos vizinhos que Madame L. lia a buena-dicha por meio de cartas, mas não acreditava nisso. Jamais vira qualquer pessoa entrar na casa, salvo a velha, a filha, duas ou três vezes um carregador, e umas oito ou dez vezes um médico.

Muitas outras pessoas, residentes nas vizinhanças, fizeram depoimentos semelhantes. Não se falou de ninguém que freqüentasse a casa. Tampouco se sabe se Madame L. e a filha tinham parentes vivos. As persianas das janelas da frente raramente eram abertas. As do fundo eram conservadas sempre fechadas, com exceção das janelas de um grande quarto do fundo, no quarto andar. A casa era bastante boa, não muito velha.

Isidore Musèt, gendarme, declarou que foi chamado à casa cerca das três da madrugada, tendo encontrado à entrada vinte ou trinta pessoas aproximadamente, as quais procuravam penetrar no prédio. A porta foi forçada, por fim, com uma baioneta, e não com uma alavanca. Não foi difícil abri-la, por se tratar de uma porta de duas folhas e não estar trancada nem em cima, nem embaixo. Os gritos continuaram até que a porta foi arrombada e, depois, cessaram subitamente. Pareciam gritos de uma pessoa (ou de pessoas) tomada de grande angústia. Eram fortes e prolongados, e não gritos breves e rápidos. A testemunha abriu caminho escada acima. Ao chegar ao primeiro patamar, ouviu duas vozes empenhadas em violenta discussão: uma delas, áspera; a outra, uma voz mais estridente, bastante estranha. Pôde distinguir algumas palavras da primeira, que era a de um francês. Tinha certeza de que não se tratava de voz de mulher. Conseguiu distinguir as palavras sacré e diable. A voz estridente era a de um estrangeiro, mas não tinha certeza se se tratava de voz de homem ou de mulher. Não pôde entender o que dizia, mas supõe

que o idioma devia ser o espanhol. Declarou que o estado do quarto e dos cadáveres era como o que foi ontem descrito.

Henri Duval, vizinho e prateiro de profissão, declarou que foi um dos primeiros a entrar na casa. Corroborou, em geral, o depoimento de Musêt. Logo depois de forçada a entrada, tornaram a fechar a porta, a fim de conservar fora a multidão que, apesar do adiantado da hora, se formou rapidamente. A voz estridente, pensa a testemunha, era de um italiano. Estava certo de que não pertencia a um francês. Não tinha certeza se se tratava ou não de voz de homem. Poderia ser de mulher. Não conhecia a língua italiana. Não lhe fora possível distinguir as palavras, mas estava convencido, pela entonação, que a pessoa que falava era italiana. Conhecia Madame L. e a filha. Conversava com ambas freqüentemente. Estava convencido de que a voz estridente não era de nenhuma das vítimas.

Odenheimer, restaurateur¹. Esta testemunha se apresentou voluntariamente para depor. Não falando o francês, foi ouvida com a ajuda de um intérprete. É natural de Amsterdam. Passava pela frente da casa, no momento em que foram lançados os gritos. Estes continuaram durante vários minutos — talvez uns dez. Eram altos e prolongados, e causavam horror e angústia. Foi um dos que entraram na casa. Confirmou as declarações anteriores, com exceção de uma: estava convencido de que a voz estridente era de homem, de um francês. Não pôde distinguir claramente as palavras proferidas. Eram altas e rápidas, articuladas em tom desigual e, ao que parecia, pronunciadas, ao mesmo tempo, com medo e ira. Era uma voz áspera . . . não tanto estridente como áspera. Não se poderia dizer que fosse uma voz estridente. A voz grave disse, várias vezes, sacré, diable e, uma única vez, mon Dieu.

Jules Mignaud, banqueiro, da firma Mignaud et Fils, da Rua Deloraine. É o mais velho dos Mignaud. Madame L'Esplanaye possuía alguns bens. Abrira uma conta em sua

¹ Restaurador. (N. do E.)

casa bancária na primavera do ano . . . (oito anos antes). Depositava, freqüentemente, pequenas quantias. Não retirou quantia alguma até três dias antes de sua morte, quando retirou, pessoalmente, a soma de quatro mil francos. Essa quantia foi paga em ouro, sendo um funcionário encarregado de levá-la à casa da depositante.

Adolphe Le Bon, empregado de Mignaud et Fils, declarou, que no dia em questão, cerca do meio-dia, acompanhou Madame L'Esplanaye à sua residência com os quatro mil francos, colocados em dois saquinhos. Ao abrir-se a porta, apareceu Mademoiselle L. e apanhou de suas mãos um dos saquinhos, enquanto a mãe fazia o mesmo com o outro. Cumprimentou-as e retirou-se. Naquele momento, não viu ninguém na rua. Era uma rua retirada, bastante solitária.

William Bird, alfaiate, declarou que foi um dos que entraram na casa. É inglês. Vive em Paris há dois anos. Foi um dos primeiros a subir as escadas. Ouviu vozes que discutiam. A voz áspera era de um francês. Pôde ouvir várias palavras, mas não se lembrava de todas. Ouviu claramente sacré e mon Dieu. Houve um barulho, no momento, como se várias pessoas estivessem brigando. Barulho de luta corporal, de coisas que rangiam. A voz aguda era muito alta — mais alta que a áspera. Tinha certeza de que não era voz de nenhum inglês. Parecia ser de alemão. Poderia ser voz de mulher. Não entende alemão.

Quatro das testemunhas acima citadas, novamente interrogadas, declararam que a porta do quarto em que foi encontrado o corpo de Mademoiselle L. estava fechada por dentro quando o grupo lá chegou. Tudo se encontrava em perfeito silêncio; não havia gemidos nem ruídos de qualquer espécie. Forçada a porta, não se encontrou ninguém. As janelas, tanto do quarto da frente como do de trás, estavam firmemente fechadas por dentro. A porta existente entre os dois quartos estava fechada, mas apenas com o trinco. A porta do quarto da frente, que dava para o corredor, estava também fechada, com a chave do lado de dentro. Um pequeno quarto, situado na parte da frente

da casa, no quarto andar, ao fim do corredor, estava aberto, com a porta escancarada. Este quarto estava atulhado de camas velhas, caixotes e outros objetos, que foram cuidadosamente removidos e examinados. Não houve canto algum da casa que não fosse inspecionado com a máxima meticulosidade. As chaminés foram vasculhadas em todos os sentidos. A casa tem quatro andares e é dotada de sótãos (mansardes). Um alçapão existente no teto estava firmemente pregado, e parecia não ter sido aberto havia já vários anos. Quanto ao tempo decorrido, desde que foram ouvidas as vozes em disputa até o momento em que foi arrombada a porta do quarto, diferem os depoimentos das testemunhas. Uma o calcularam em três minutos; outras, em cinco. A porta foi aberta com dificuldade.

Alfonzo Carcio, agente funerário, declarou que reside na Rua Morgue. É natural da Espanha. Foi um dos que entrou na casa. Não subiu as escadas. É nervoso e receou os efeitos que a agitação poderia ter sobre sua pessoa. Ouviu vozes de pessoas que discutiam. A voz áspera era de um francês. Não pôde distinguir o que diziam. A voz estridente era de um inglês, estava certo disso. Não entende a língua inglesa, mas se baseava na entonação.

Alberto Montani, confeitoiro, declarou que foi um dos primeiros a subir as escadas. Ouviu as vozes em questão. A voz áspera era de um francês. Percebeu diversas palavras. Pareceu-lhe que esse indivíduo exprobrava o procedimento de alguém. Não conseguiu entender as palavras proferidas pela voz estridente, que era rápida e desigual. Julga tratar-se da voz de um russo. Confirma as declarações gerais. É italiano. Jamais conversou com uma pessoa natural da Rússia.

Várias testemunhas, chamadas novamente a depor, declararam que as chaminés de todos os aposentos do quarto andar eram demasiado estreitas para permitir a passagem de um criatura humana. Por "varreduras", entendiam-se os movimentos das longas escovas cilíndricas idênticas às

empregadas pelos limpa-chaminés. Essas escovas foram passadas, de alto a baixo, pelo interior de todos os canos de chaminé existentes na casa. Não havia passagem alguma pela qual alguém pudesse haver descido enquanto o grupo subia as escadas. O corpo de Mademoiselle L'Espanaye estava tão firmemente introduzido na chaminé, que só pôde ser retirado com o auxílio de quatro ou cinco pessoas.

Paul Dumas, médico, declarou que foi chamado, ao romper do dia, para examinar os cadáveres. Ambos jaziam sobre o enxergão da cama, na quarto em que Mademoiselle L. fora encontrada. O corpo da jovem senhora apresentava muitas equimoses e escoriações. O fato de haver sido introduzido na chaminé explicava suficientemente tais ferimentos. A garganta também estava muito contundida. Havia muitos e profundos arranhões logo abaixo do queixo, bem como uma série de manchas lívidas causadas, evidentemente, pela pressão de dedos. O rosto achava-se terrivelmente descolorido, e os olhos fora das órbitas. A língua havia sido mordida e, em parte, seccionada. Sobre o estômago, descobriu-se grande equimose, produzida, ao que parecia, pela pressão de um joelho. Na opinião de Monsieur Dumas, Mademoiselle L'Espanaye havia sido estrangulada por alguma pessoa ou pessoas desconhecidas. O corpo de sua mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna direita e do braço apresentavam diversas fraturas. A tibia esquerda, bem como todas as costelas do mesmo lado, estavam muito partidas. Todo o corpo se achava terrivelmente escoriado e descorado. Impossível dizer de que maneira os ferimentos haviam sido infligidos. Um pesado cacete, uma larga barra de ferro, uma cadeira, ou qualquer outra arma pesada e rombuda poderiam ter produzido tais resultados, se manejados por um homem de grande força física. Mulher alguma poderia ter causado tais ferimentos, qualquer que fosse a arma empregada. A cabeça da vítima, conforme puderam verificar as testemunhas, estava inteiramente separada do corpo e muito desfigurada. A garganta havia sido seccionada, evidentemente, com algum instrumento muito afiado — talvez uma navalha.

Alexandre Etienne, cirurgião, também foi chamado, juntamente com Monsieur Dumas, para examinar os corpos. Confirmou o depoimento e as opiniões de Monsieur Dumas.

Nenhum outro pormenor importante foi conseguido, embora diversas outras pessoas fossem ouvidas. Um crime tão misterioso e tão surpreendente em todos os seus pormenores jamais foi cometido antes em Paris, se é que se trata realmente de um crime. A polícia não dispõe de indício algum, coisa incomum em casos desta natureza. Não existe, pois, ao que parece, a menor pista.

Em sua edição vespertina, o jornal afirmava que reinava ainda grande excitação no *quartier Saint-Roche*; que as circunstâncias relacionadas com o caso haviam sido cuidadosamente reexaminadas, além de ouvir-se novamente as testemunhas, sem que se chegasse a nenhum resultado. Uma nota de última hora, porém, anunciava que Adolphe Le Bon havia sido detido e encarcerado, embora nada pudesse incriminá-lo, além dos fatos já expostos.

Dupin parecia particularmente interessado na marcha do caso; pelo menos, foi o que julguei pelas suas maneiras, pois não fez comentários. Foi somente depois da notícia de que Le Bon havia sido preso, que ele pediu minha opinião a respeito do duplo crime.

Não pude senão concordar com toda Paris, que o considerava um mistério insolúvel. Não via maneira alguma pela qual fosse possível descobrir-se o assassino.

— Mediante interrogatórios tão superficiais — disse Dupin — não é possível descobrir-se um meio de encontrá-lo. A polícia parisiense, tão elogiada pela sua *perspicácia*, é astuta — mas nada mais. Não há método algum em suas diligências, além daquele que é sugerido no momento. Faz uma grande exibição de medidas, mas, não raro, estas se adaptam tão mal aos seus objetivos, que fazem com que nos lembremos de Monsieur Jourdain, pedindo o seu *robe-de-chambre, pour mieux entendre la musique*¹. Os resultados obtidos não deixam, às vezes, de

¹ O seu roupão para ouvir melhor a música. (Trata-se de uma fala de Le Bourgeois Gentilhomme, de Molière.) (N. do E.)

ser surpreendentes, mas, na maior parte das vezes, são conseguidos devido a simples diligência e atividade. Quando tais qualidades de nada servem, seus planos fracassam. Vidocq, por exemplo, era um excelente adivinhador, além de ser um homem persistente. Mas, não dispondo de uma inteligência educada, errava continuamente, devido à própria intensidade de suas investigações. Sua visão era prejudicada, por olhar muito de perto o objeto. Podia ver, talvez, dois ou três pontos com extraordinária clareza, mas, ao fazê-lo, perdia, necessariamente, a visão total do assunto. Aí está o defeito de se ser demasiado profundo. A verdade nem sempre se encontra no fundo de um poço. Na realidade, creio que aquilo que mais importa conhecer é, invariavelmente, superficial. A profundidade se encontra nos vales em que a procuramos, e não no cume das montanhas onde ela se acha. As maneiras e as fontes dessa espécie de erro têm um bom exemplo na contemplação dos corpos celestes. Dirigir a uma estrela um rápido olhar, examiná-la obliquamente, voltando para ela as partes exteriores da retina (mais suscetíveis às ligeiras impressões da luz que as interiores), é contemplar a estrela de maneira diferente, é apreciar melhor o seu brilho, brilho que diminui à medida que voltamos nossa visão em *cheio* para ela. Um número muito maior de raios incide sobre os olhos neste último caso, mas, no primeiro, se obtém uma receptividade mais apurada. Por meio de uma profundidade indevida, perturbamos e debilitamos os nossos pensamentos — e é impossível fazer-se com que a própria Vênus se desvança no firmamento, se a fitarmos de maneira muito demorada, muito concentrada ou muito direta. Quanto a estes assassínios, façamos alguns exames por nossa própria conta, antes de formar uma opinião a respeito. Uma investigação nos proporcionará uma boa distração (achei esse termo, no caso, mal aplicado, mas nada disse) e, além disso, Le Bon me prestou, certa vez, um serviço pelo qual lhe sou grato. Iremos examinar o local do crime com os nossos próprios olhos. Conheço G. . . , o delegado de polícia, e não teremos dificuldades em obter a necessária permissão.

A permissão foi obtida, e dirigimo-nos incontinenti à Rua Morgue. É esta uma das miseráveis vielas existentes entre a Rua Richelieu e a Rua Saint Roche. A tarde já ia adiantada quando lá chegamos, pois esse *quartier* ficava muito distante daquele em que morávamos. Não tivemos dificuldade em encontrar a casa, em virtude de haver ainda muitas pessoas a olhar, da calçada oposta, para as janelas fechadas, com uma curiosidade sem objetivo. Era uma casa parisiense comum, com uma entrada principal, tendo, num dos lados, um compartimento com vidraça corrediça, que parecia ser uma *loge de concierge*¹. Antes de entrar, subimos a rua, dobramos por uma viela e, por fim, chegamos à porta de trás da casa. Enquanto isso, Dupin examinava toda a vizinhança, bem como a casa, com meticolosa atenção, cujo objetivo não me era possível compreender.

Voltando sobre nossos passos, chegamos de novo à frente da casa, batemos à porta e, após apresentar as credenciais, os agentes que estavam de guarda permitiram a nossa entrada. Subimos as escadas, até chegar ao aposento onde o corpo de Mademoiselle L'Espanaye fora encontrado, e onde se achavam ainda os dois cadáveres. Como de costume, o aposento permanecia na mesma desordem que ali reinava por ocasião do crime. Nada mais vi além do que fora publicado pela *Gazette des Tribunaux*. Dupin examinava tudo minuciosamente, sem excluir os corpos das vítimas. Dirigimo-nos, depois, para os outros aposentos e, finalmente, para o quintal. Um gendarme nos acompanhou nessa visita. O exame do local nos manteve ocupados até o cair da noite, quando, então, nos retiramos. A caminho de casa, meu companheiro entrou por um momento na redação de um dos jornais diários.

Já disse que eram muitos os caprichos de meu amigo, e eu sabia como contorná-los. Até o dia seguinte, ao meio-dia, evitou falar sobre o crime. Só então me perguntou, subitamente, se eu observara algo de *particular* no local da tragédia.

Em sua maneira de acentuar a palavra *particular* havia

¹ *Cubículo de porteiro. (N. do E.)*

algo que me fez estremecer, sem que soubesse por quê.

— Não, nada de *particular* — respondi. — Pelo menos, nada que já não houvéssemos lido no jornal.

— Receio que a *Gazette* — respondeu-me — não tenha penetrado no insólito horror do que aconteceu. Mas deixemos de lado as opiniões ociosas desse jornal. Parece-me que esse mistério é considerado insolúvel devido exatamente à razão que deveria fazer com que fosse considerado de fácil solução. Refiro-me ao caráter *outré*¹ das circunstâncias que o cercam. A polícia está confusa ante a aparente ausência de motivo, quer quanto ao que se refere ao próprio crime, quer quanto à atrocidade do assassino. Está perplexa, também, ante a aparente impossibilidade de relacionar as vozes ouvidas durante a discussão com o fato de não se haver descoberto ninguém nos aposentos superiores, exceto o cadáver de Mademoiselle L'Espanaye, não havendo possibilidade de ninguém ter saído da casa sem que fosse pressentido pelas pessoas que subiram as escadas. A enorme desordem do aposento; o corpo introduzido, de cabeça para baixo, na chaminé; a terrível mutilação do cadáver da senhora idosa — todas essas considerações, aliadas às que acabo de me referir, bem como a outras que não é necessário mencionar, foram suficientes para paralisar as faculdades de raciocínio dos policiais, fazendo com que fracassasse por completo a *perspicácia* de que se vangloriam. Cometeram o grande erro, embora comum, de confundir o incomum com o abstruso. Mas é por esses desvios do plano das coisas ordinárias que a razão encontra o seu caminho na investigação da verdade, caso isso seja possível. Em investigações como estas em que estamos empenhados, não se deve perguntar tanto “o que aconteceu”, mas sim procurar saber “se o que aconteceu jamais aconteceu antes”. De fato, a facilidade com que chegarei, ou já cheguei, à solução desse mistério está na razão direta de sua aparente insolubilidade aos olhos da polícia.

Fitei o meu interlocutor, tomado de mudo assombro.

— Estou esperando neste momento — continuou ele,

¹ *Exagerado.*

olhando para a porta do nosso aposento — uma pessoa que, embora talvez não seja o autor dessa carnificina, deve ter estado, de certo modo, implicado nela. É provável que seja inocente, quanto à parte pior dos crimes cometidos. Espero estar certo nessa minha suposição, pois nela se baseia a minha esperança de decifrar todo esse enigma. Espero a chegada desse homem aqui nesta sala, a qualquer momento. É certo que pode não vir, mas é provável que venha. Se vier, é preciso detê-lo. Aqui estão umas pistolas, e nós sabemos usá-las, quando as circunstâncias o exigem.

Sem saber bem o que fazia, nem o que ouvia, tomei as pistolas, enquanto Dupin continuava a falar, como se estivesse entregue a um solilóquio. Já me referi ao seu ar absorto, em tais ocasiões. Suas palavras eram dirigidas à minha pessoa, mas sua voz, embora não fosse muito alta, tinha aquela entonação comumente empregada quando alguém se dirige a uma pessoa que se acha muito distante. Seus olhos, de expressão vaga, fitavam apenas a parede.

— As provas demonstraram claramente — prosseguiu — que as vozes que discutiam, e que foram ouvidas pelos que subiram as escadas, não eram das próprias vítimas. Isso desfaz qualquer suposição de que a velha haja primeiro assassinado a filha e, depois, dado cabo da própria vida. Falo deste ponto unicamente por respeito ao método, pois a força física de Madame L'Espanaye teria sido inteiramente insuficiente para que pudesse introduzir o corpo da filha na chaminé, tal como foi encontrado. Por outro lado, a natureza dos ferimentos desta última exclui por completo a idéia de suicídio. Por conseguinte, o crime foi cometido por terceiras pessoas — e foram as vozes dessas pessoas as que foram ouvidas, empenhadas em discussão. Permita-me chamar sua atenção não para o que se declarou a respeito de tais vozes, mas para o que existe de *particular* em tais declarações. Não observou nada de particular a respeito?

Eu disse ter observado que, enquanto todas as testemunhas concordavam em supor que a voz grave pertencia a um francês, havia grande desacordo com respeito

à voz estridente, ou, como uma das testemunhas a classificou, a voz áspera.

— Isso é a evidência pura — disse Dupin —, mas não o que há de particularidade nessa evidência. Você não observou nada de característico; contudo, *havia* algo a ser observado. As testemunhas, como você observou, concordaram a respeito da voz grave. Quanto a este ponto, não houve discordância. Mas, quanto ao que se refere à voz estridente, a particularidade reside não no fato de terem discordado, mas no fato de que, quando um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês e um francês tentaram descrevê-la, cada qual se referiu a ela como sendo a *de um estrangeiro*. Cada qual estava certo de que não se tratava da voz de um seu compatriota. Cada qual a compara não à voz de um indivíduo pertencente a uma nação cuja língua conhece, mas exatamente o contrário. O francês julga que se trata da voz de um espanhol, afirmando que “poderia ter distinguido algumas palavras, *se conhecesse o idioma espanhol*”. O holandês afirma que a voz era a de um francês, mas lemos que, “*não conhecendo o francês, esta testemunha foi interrogada através de um intérprete*”. O inglês julga tratar-se da voz de um alemão, mas “*não entende o alemão*”. O espanhol “tem certeza” de que a voz era a de um inglês, “a julgar pela entonação”, “*pois não conhecia a língua inglesa*”. O italiano acredita tratar-se da voz de um russo, mas “*nunca conversou com nenhum russo*”. Um segundo francês, porém, discorda do primeiro, tendo certeza de que a voz era a de um italiano; mas, “*não conhecendo este idioma*”, “estava convencido disso pela entonação”, como o espanhol. Ora, quão estranha não deveria ser, pois, aquela voz, a respeito da qual *puderam* ser feitas tais declarações! Aquela voz cuja *entonação* nem mesmo cidadãos das cinco grandes divisões da Europa podiam reconhecer como tendo algo de familiar! Você dirá que poderia ter sido a voz de um asiático... ou de um africano. Nem asiáticos, nem africanos abundam em Paris; mas, sem negar a inferência, chamo apenas a sua atenção para três pontos. A voz é considerada por uma testemunha como “*áspera, mas não estridente*”. É representada por duas

outras como “rápida e *desigual*”. Não houve palavras — nem sons que se assemelhassem a palavras — que fossem mencionadas por qualquer testemunha como inteligíveis.

“Não sei”, prosseguiu Dupin, “qual a impressão que eu possa haver causado, até agora, sobre o seu entendimento; mas não hesito em dizer que as deduções legítimas baseadas mesmo nessa parte do testemunho — isto é, a parte que se refere a vozes graves e estridentes — são por si sós suficientes para despertar uma suspeita que bem nos pode dirigir a um progresso total na investigação desse mistério. Digo ‘deduções legítimas’, mas o que pretendo dizer não é, desse modo, plenamente expresso. Quero apenas dizer que essas deduções são as *únicas* adequadas ao caso em apreço, e que minha suspeita se origina *inevitavelmente* delas, como única conclusão. Qual é, porém, essa suspeita, não o direi por ora. Desejo apenas que você compreenda que, quanto a mim, foi o bastante forte para dar uma forma definida . . . uma determinada tendência às minhas investigações naquele aposento.

“Transportemo-nos agora, em imaginação, ao referido aposento. Que é que primeiro devemos procurar lá? Os meios de fuga empregados pelos assassinos. Não é necessário dizer que nenhum de nós acredita em acontecimentos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L’Espanaye não foram, evidentemente, assassinadas por espíritos. O crime foi cometido por seres materiais, que escaparam mediante procedimentos materiais. De que modo? Felizmente, não há senão um modo de se raciocinar sobre isso — e esse modo *deve* conduzir-nos a uma solução precisa. Examinemos, um por um, os possíveis meios de evasão. É claro que os assassinos estavam no quarto em que Mademoiselle L’Espanaye foi encontrada, ou, pelo menos, no aposento contíguo, no momento em que as pessoas que acorreram ao local subiram as escadas. Por conseguinte, é partindo somente dessas dois aposentos que devemos procurar os indícios da evasão. A polícia pôs a descoberto as portas, o teto e a alvenaria das paredes, Nenhuma saída *secreta* poderia ter escapado à sua vigilância. Mas, não confiando em *seus* olhos, eu os examinei pessoalmente. Na verdade, *não*

havia saída secreta. As duas portas que davam para o corredor estavam muito bem fechadas por dentro. Vejamos as chaminés. Estas, embora de largura normal até uma altura de oito ou dez pés acima das lareiras, não permitiriam a passagem, em toda a sua extensão, de um gato corpulento. A impossibilidade de saída, pelos meios já referidos, é, por conseguinte, absoluta. Assim sendo, não nos restam senão as janelas. Pelas da frente, ninguém poderia ter fugido sem chamar a atenção da multidão que se encontrava na rua. Os assassinos *devem* ter passado, pois, pelas janelas do quarto dos fundos. Levados, então, por essas deduções, a uma conclusão tão inequívoca, não nos cabe, como analistas, rejeitá-la, devido às impossibilidades aparentes. Não nos resta senão provar que tais ‘impossibilidades’ aparentes não o são na realidade.

“Há, no quarto, duas janelas. Uma delas não se acha obstruída por móveis, sendo completamente visível. A parte inferior da outra acha-se oculta pela cabeceira da pesada cama, estreitamente encostada a ela. Verificou-se que a primeira estava firmemente fechada por dentro. Resistiu aos mais violentos esforços daqueles que tentaram levantá-la. À esquerda de seu caixilho, fora feito um grande orifício por meio de uma verruma, sendo nele introduzido, quase até a cabeça, um prego muito grosso. Ao examinar a outra janela, viu-se um outro prego semelhante, introduzido da mesma maneira — e fracassou, igualmente, um vigoroso esforço no sentido de se erguer o caixilho. A polícia convenceu-se então inteiramente de que a fuga não se verificara por ali. Por essa razão, julgou supérfluo retirar os pregos e abrir as janelas.

“Meu exame foi um tanto mais minucioso, e isso, como acabo de explicar, porque eu sabia que era *preciso* provar que todas as impossibilidades aparentes não eram tais na realidade.

“Continuei pensando assim . . . *a posteriori*. Os assassinos *havi*am fugido por uma daquelas janelas. Assim sendo, não poderiam ter tornado a fechar as janelas por dentro, como foram encontradas, consideração que, devido à sua evidência, paralisou as investigações da polícia nesse sentido. Não

obstante, as janelas de guilhotina *estavam* fechadas. *Deviam* poder, pois, fechar-se por si mesmas. Não havia saída quanto a essa conclusão. Aproximei-me da janela que não estava impedida, retirei o prego com certa dificuldade e tentei levantá-la. Resistiu a todos os meus esforços, como eu havia previsto. Sabia, agora, que deveria existir uma mola oculta — e essa corroboração da minha idéia me convenceu de que minhas premissas, pelo menos, eram corretas, embora parecessem ainda misteriosas relativamente aos pregos. Um exame cuidadoso fez com que eu logo descobrisse a mola oculta. Apertei-a e, satisfeito com a minha descoberta, abster-me de abrir a janela.

“Recoloquei o prego no lugar e examinei-o com atenção. Uma pessoa que houvesse passado por aquela janela poderia tê-la fechado, pois a mola funcionaria automaticamente — mas o prego não poderia ser recolocado em seu lugar. Tal conclusão era clara, restringindo de novo o campo de minhas investigações. Os assassinos *deviam* ter escapado pela outra janela. Supondo-se, pois, que as molas existentes nas janelas fossem iguais, como era provável, *deveria* ser encontrada uma diferença entre os pregos, ou, pelo menos, em sua colocação. Subindo sobre a armação da cama, olhei minuciosamente, por cima de sua cabeceira, a segunda janela. Passando a mão por trás da madeira, descobri e apertei a mola, que era, como eu havia suposto, idêntica à primeira. Examinei, então, o prego. Era tão grosso quanto o outro e, ao que parecia, se achava colocado da mesma maneira, afundado quase até a cabeça.

“Talvez você pense que fiquei perplexo, mas, se assim o julga, é porque não compreendeu a natureza de minhas deduções. Para empregar uma frase esportiva, não me encontrei sequer uma vez ‘em falta’. Não perdera o rastro por um instante sequer. Não havia falha alguma em qualquer elo da cadeia. Seguiu o segredo até a sua última conseqüência — e a última conseqüência era o *prego*. Tinha, sob todos os aspectos, a aparência do que existia na outra janela; mas aquilo de nada servia (por mais decisivo que parecesse) comparado à consideração de que, naquele ponto, terminava a minha pista. *‘Deve* haver algo errado

a respeito do prego’, disse com os meus botões. Toquei-o com a mão, e a cabeça, juntamente com quase um quarto de polegada de seu comprimento, me ficou nos dedos. O resto do prego se achava cravado no orifício em que se havia partido. A ruptura era antiga (como se podia ver pela ferrugem existente nas bordas) e, ao que parecia, fora causada por uma martelada, que afundou uma parte da cabeça do prego na madeira da janela. Recoloquei cuidadosamente essa parte da cabeça no lugar de onde a tirara, e era perfeita a semelhança com um prego intato. Não se percebia a ruptura. Por meio de uma pressão na mola, levantei a janela algumas polegadas; a cabeça do prego subiu com ela, firmemente incrustada em seu orifício. Fechei a janela e ficou de novo perfeita a aparência de um prego inteiro.

“Até aí, estava resolvido o enigma. O assassino fugira pela janela que dava para a cama. Descendo por si mesma após a saída do criminoso (ou sendo talvez fechada deliberadamente), ficara presa pela mola, e fora a retenção dessa mola que enganara a polícia, fazendo com que esta a atribuisse ao prego e considerasse desnecessário, assim, o prosseguimento da investigação.

“O problema seguinte consistia em saber de que modo o assassino conseguira descer. Quanto a este ponto, senti-me satisfeito com o nosso passeio em torno da casa. A cinco pés e meio, aproximadamente, de distância da janela em questão, passa o cano de um pára-raios. Por esse cano, teria sido possível a qualquer pessoa atingir a janela, para não dizer entrar pela mesma. Observei, porém, que os postigos do quarto andar eram da espécie que os carpinteiros parisienses chamam de *ferrades*, de um tipo raramente empregado em nossos dias, mas que é visto, com freqüência, nas velhas mansões de Lyon e Bordéus. Têm a forma de uma porta comum (uma porta simples, e não de duas bandeiras), exceto que a parte inferior é de madeira trançada, em forma de gelosia, permitindo, desse modo, excelente apoio para as mãos. No caso presente, esses postigos têm três pés e meio de largura. Quando os vimos, da parte de trás da casa, ambos estavam meio abertos — isto é, formavam um ângulo reto com a parede. É provável

que a polícia, como eu, haja examinado a parte traseira do edifício, mas, se o fez, ao olhar essas *ferrades* no sentido de sua largura (como deve ter feito), não percebeu a sua verdadeira largura, ou, de qualquer modo, deixou de considerá-la devidamente. Na verdade, tendo-se convencido de que a fuga não poderia ter sido efetuada por aquele lado, os policiais, naturalmente, realizaram aí um exame bastante ligeiro. Para mim, no entanto, era claro que o postigo pertencente à janela situada junto à cabeceira da cama, se aberto inteiramente de encontro à parede, chegaria até uns dois pés do cano do pára-raios. Era também evidente que, mediante o exercício de um grau de energia e coragem pouco comum, uma pessoa poderia, subindo pelo cano, entrar pela janela. Chegando à distância de dois pés e meio (supondo-se, agora, que o postigo estava inteiramente aberto), um ladrão poderia agarrar-se com firmeza às grades. Então, largando o cano do pára-raios, após firmar os pés de encontro à parede, poderia, num impulso ousado, fazer com que o postigo se fechasse e, se imaginarmos que a janela se encontrava aberta na ocasião, penetrar de golpe no aposento.

“Quero que você tenha em mente que me referi a um grau *pouco comum* de energia, como requisito necessário a uma empresa tão arriscada e difícil. É minha intenção mostrar-lhe, em primeiro lugar, de que modo isso poderia ter sido feito e, em segundo lugar, de *maneira particular*, chamar sua atenção para o caráter *extraordinário*, quase sobrenatural, da agilidade necessária para a execução de tal façanha.

“Você me dirá, sem dúvida, valendo-se da linguagem da lei, que, para ‘defender a minha causa’, eu deveria antes, em lugar de insistir sobre o fato, ignorar a energia requerida para a sua execução. Isso talvez seja assim na prática forense, mas não no terreno da razão. Meu objetivo final é apenas a verdade. Meu propósito imediato é levá-lo a comparar a energia *pouco comum* a que acabo de me referir com a *peculiaríssima* voz aguda (ou áspera) e *desigual*, a respeito de cuja nacionalidade não se encontraram duas pessoas que estivessem de acordo, e em cuja pronúncia não foi possível descobrir-se uma única sílaba.”

Ao ouvir tais palavras, começou a formar-se em meu espírito uma vaga idéia do que Dupin queria dizer. Parecia-me estar à beira da compreensão, sem que, no entanto, pudesse compreender — como acontece, às vezes, com certas pessoas que estão quase a lembrar-se de alguma coisa, sem que, no fim, consigam fazê-lo. Meu amigo prosseguiu:

— Você terá percebido — disse ele — que inverti a questão, referindo-me ao modo de entrar, e não ao de sair. Era meu intento demonstrar que ambas as coisas foram efetuadas da mesma maneira, e no mesmo lugar. Voltemos, agora, ao interior do quarto. Examinemos todos os seus aspectos. As gavetas do móvel, segundo se disse, foram saqueadas, mas diversas peças de vestuário ainda lá se encontravam. Essa conclusão é absurda. Mera suposição — suposição muito tola — e nada mais. Como é que se sabe que as peças encontradas nas gavetas não eram as únicas que elas antes continham? Madame L’Espanaye e a filha viviam uma vida muito reclusa, não viam ninguém, raramente saíam — e, por conseguinte, pouca necessidade tinham de mudar constantemente de roupas. As que lá foram encontradas eram, pelo menos, de qualidade tão boa como as demais usadas pelas referidas senhoras. Se um ladrão houvesse roubado alguma coisa, por que razão não teria levado as melhores? Por que não teria levado todas? Numa palavra: por que teria deixado quatro mil francos em ouro, para sair carregado com uma trouxa de roupas íntimas? O ouro foi deixado intato. Quase toda a soma a que Monsieur Mignaud, o banqueiro, se referiu, foi descoberta, em seus saquinhos, sobre o assoalho. Desejo, pois, que você afaste de seu pensamento a idéia insensata de um *motivo*, engendrada no cérebro da polícia pelo que se refere ao dinheiro entregue à porta da casa. Coincidências dez vezes mais notáveis do que esta (entrega de dinheiro e assassinato, cometido três dias depois de seu recebimento) acontecem a todo instante em nossas vidas sem que despertem a mínima atenção. As coincidências, em geral, constituem grandes obstáculos no caminho dessa classe de pensadores educados de tal modo que nada sabem da teoria das probabilidades — essa teoria a que as mais estu-

pendas conquistas das pesquisas humanas devem as suas mais notáveis realizações. No presente caso, se o ouro houvesse desaparecido, o fato de haver sido entregue três dias antes teria constituído algo mais do que uma simples coincidência. Corroboraria a idéia de um motivo. Mas, dadas as circunstâncias reais do caso, se supusermos que o ouro foi o móvel do crime, devemos também supor que quem o cometeu foi tão vacilante e idiota a ponto de abandonar, ao mesmo tempo, o ouro e o motivo de sua ação.

“Tendo bem em mente os pontos para os quais chamei sua atenção — a voz peculiar, a agilidade pouco comum, e aquela surpreendente ausência de motivo num crime tão singularmente atroz como esse —, examinemos a própria carnificina. Encontramos uma mulher estrangulada e introduzida numa chaminé de cabeça para baixo. Os assassinos comuns não empregam essa maneira de matar. Tampouco dispõem dessa maneira do corpo da vítima. No modo violento de introduzir o corpo na chaminé, você certamente admitirá que há algo *excessivamente exagerado* — algo inteiramente em desacordo com nossas idéias comuns sobre as ações humanas, mesmo quando supomos que seus autores são criaturas depravadas. Por outro lado, pense quão grande não deveria ser a força necessária para introduzir o corpo, *para cima*, numa abertura tão estreita que o esforço conjunto de várias pessoas mal foi suficiente para puxá-lo *para baixo!*”

“Voltemo-nos agora, para outros indícios do emprego de tão extraordinário vigor. Na lareira, havia tranças grossas — muito grossas — de cabelos humanos grisalhos. Estes, tinham sido arrancados pelas raízes. Você bem sabe da grande força necessária para arrancar da cabeça, desse modo, mesmo vinte ou trinta fios de uma vez. Você viu tão bem quanto eu as mechas de cabelo em questão. Suas raízes (espetáculo horrível!) estavam presas a pedaços ensangüentados do próprio couro cabeludo, sinal seguro da própria força prodigiosa com que foi arrancado pelo menos meio milhão de fios de cabelos de uma vez. A garganta da senhora idosa não estava apenas cortada: a cabeça achava-se inteiramente seccionada do corpo. E o instrumento

com que isso foi feito era uma simples navalha. Quero que você observe a ferocidade *brutal* de tal ato. Quanto às escoriações apresentadas pelo cadáver de Madame L'Españay, não é preciso que eu fale. Monsieur Dumas e seu digno colaborador, Monsieur Etienne, declararam terem sido produzidas por algum instrumento rombudo. Até aí, esses senhores estão perfeitamente certos. O referido instrumento foi, sem dúvida, o empedrado do quintal, sobre o qual a vítima caíra da janela em que a cabeceira da cama estava encostada. Essa idéia, embora possa parecer simples, não ocorreu à polícia pela mesma razão que a impediu de notar a largura dos postigos: devido à existência dos pregos, sua percepção permaneceu inteiramente fechada à idéia de que as janelas pudessem ter sido, de algum modo, abertas.

“Se agora, além de todas essas coisas, você refletiu bem sobre a desordem reinante no quarto, chegamos ao ponto de relacionar as idéias de extraordinária agilidade, de força sobre-humana, de ferocidade brutal, de carnificina sem motivo, de uma *grotesquerie* horrível e estranha, em seu caráter, à maneira de agir humana, com uma voz de acento estranho para os ouvidos de homens de muitas nações, destituída de qualquer silabação distinta ou inteligível. Que é que se deduz de tudo isso? Qual a impressão produzida em sua imaginação?”

Ante tal pergunta de Dupin, senti um calafrio percorrer-me o corpo.

— Esse crime foi cometido por um louco — respondi. — Algum lunático furioso que haja escapado de alguma *maison de santé*¹ das vizinhanças.

— Sob certos aspectos — prosseguiu ele — sua idéia não é descabida. Mas, mesmo em seus mais violentos paroxismos, as vozes dos loucos não se assemelham nunca à voz que foi ouvida pelos que subiam as escadas. Os loucos pertencem a alguma nação, e sua linguagem, embora incoerente em suas palavras, tem sempre a coerência da silabação. Por outro lado, o cabelo de um louco não se parece

¹ Manicômio. (N. do E.)

ao que tenho nas mãos. Desembarcei esta pequena mecha dos dedos rigidamente fechados de Madame L'Espanaye. Diga-me o que você pode deduzir disso.

— Dupin! — exclamei, completamente abatido. — Esse cabelo é muito estranho! Não é cabelo humano!

— Eu não disse que o fosse — respondeu-me —, mas, antes de decidirmos este ponto, gostaria que você passasse os olhos pelo esboço que tracei neste papel. É um fac-símile do que foi descrito, numa parte das declarações, como “escoriações escuras e profundas marcas de unhas” sobre a garganta de Mademoiselle L'Espanaye e, em outra parte (por Monsieur Dumas e Etienne), como uma “série de marcas lívidas, sinais, evidentemente, de dedos”.

“Você notará”, prosseguiu meu amigo, estendendo o papel sobre a mesa que havia à nossa frente, “que este desenho dá a idéia de uma pressão firme e poderosa. Não há aparência alguma de *escorregão*. Cada dedo — talvez até o momento da morte da vítima — manteve a terrível pressão do primeiro momento em que se cravou na carne. Experimente, agora, colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, nas respectivas marcas, tal como você as vê.”

Experimentei inutilmente.

— É possível que não estejamos fazendo esta experiência de maneira correta — disse ele. — Este papel está estendido sobre uma superfície plana, e a garganta humana é cilíndrica. Eis aqui um pedaço de lenha, cuja circunferência é, mais ou menos, a de uma garganta. Enrole o desenho em torno dele e experimente de novo.

Fiz como Dupin me sugeria, mas a dificuldade foi ainda mais evidente do que na primeira vez.

— Esta — disse eu — não é a marca de uma mão humana.

— Agora leia — respondeu-me Dupin — este trecho de Cuvier.

Era uma descrição anatômica e, em geral, descritiva, do grande orangotango fulvo das ilhas das Índias Orientais. A estatura gigantesca, a força e a agilidade prodigiosa, a terrível ferocidade e as faculdades de imitação destes mamíferos são coisas que todos conhecem suficientemente. Compreen-

di, então, de repente, todo o horror daquele assassinio.

— A descrição dos dedos — comentei, ao terminar a leitura — está exatamente de acordo com este desenho. Vejo que nenhum outro animal, a não ser um orangotango, da espécie aqui mencionada, poderia ter deixado as marcas que você desenhou. Esta mecha de pêlo acastanhado tem as mesmas características do pêlo do animal descrito por Cuvier. Mas não me é possível compreender as circunstâncias desse espantoso mistério. Além disso, foram ouvidas duas vezes a discutir, e uma delas era, indiscutivelmente, a de um francês.

— Certo. E você se lembrará, com certeza, de uma expressão atribuída quase que unanimemente a essa voz pelas testemunhas: a expressão “*mon Dieu!*”. Em tais circunstâncias, uma das testemunhas (Montani, o confeitiro) a identificou como uma expressão de protesto ou admoestação. Baseei, por conseguinte, nessas duas palavras, minha esperança quanto a uma solução cabal desse enigma. Um francês está perfeitamente a par desse crime. É possível — mais do que provável, mesmo — que esteja inocente de qualquer participação nos acontecimentos sangrentos que se verificaram. Talvez o orangotango, que se achava sob a sua guarda, haja fugido. Talvez haja seguido o seu rastro até o quarto, mas, dada a agitação com que deparou, não lhe tenha sido possível recapturar o animal. Este ainda anda solto. Não prosseguirei em minhas conjeturas — pois não tenho o direito de dar-lhes outro nome —, já que as reflexões em que se baseiam mal têm fundamentos suficientes para que possam ser apreciáveis pela minha própria inteligência e, ainda, porque não me seria possível pretender torná-las inteligíveis para a compreensão de outra pessoa. Vamos chamá-las, pois, de conjeturas, considerando-as como tais. Se, como suponho, o francês em questão se acha inocente dessa atrocidade, o anúncio que deixei, ontem à noite, na redação de *Le Monde* (jornal dedicado a interesses marítimos e muito lido por marinheiros), o trará à nossa casa.

Entregou-me um jornal e li o seguinte:

CAPTURADO

No Bois de Boulogne, nas primeiras horas da manhã do dia... do corrente (a manhã do crime), um enorme orangotango fulvo, da espécie de Bornéu. O seu dono (que se sabe ser um marinheiro pertencente à tripulação de um navio maltês) poderá recuperar o animal, após identificá-lo satisfatoriamente e pagar alguns pequenos gastos causados pela sua captura e manutenção. Dirigir-se ao número... Rua..., bairro St. Germain, terceiro andar.

— Como é que você pôde saber — perguntei — que o homem era marinheiro e pertencia à tripulação de um navio maltês?

— Eu não o sei — respondeu Dupin. — Não estou certo disso. Mas tenho aqui este pedacinho de fita que, a julgar pela sua forma e pelo aspecto enebado, foi usado, evidentemente, para atar essas longas *queues* de que os marinheiros tanto gostam. Além disso, este nó poucas pessoas sabem fazer, exceto marinheiros, e é característico dos malteses. Encontrei esta fita junto do cano do pára-raios. Não pode ter pertencido a nenhuma das duas vítimas. Se eu, afinal, de contas, estiver errado sobre as deduções que tirei baseado nesta fita, isto é, que o seu dono é um marinheiro francês pertencente à tripulação de um navio maltês, não farei mal a ninguém dizendo o que digo no anúncio. Se eu estiver errado, ele suporá apenas que determinadas circunstâncias fizeram com que eu me engasasse, e não se dará ao trabalho de verificar. Mas, se eu estiver certo, teremos dado um grande passo. Embora inocente do crime, o francês naturalmente hesitará, ficando sem saber se deve ou não responder ao anúncio e reclamar o orangotango. Raciocinará da seguinte maneira: "Sou inocente; sou pobre; meu orangotango vale muito dinheiro... uma fortuna, mesmo, para um homem em minhas condições. Por que deveria eu perdê-lo devido a vãos receios de perigo? Aí está ele, ao meu alcance. Foi encontrado no Bois de Boulogne, a muita distância do local da carnificina. Como é que se poderá supor que um animal cometeu

semelhante ação? A polícia está desorientada; não conseguiu descobrir o menor indício. Mesmo que encontrasse o animal, seria impossível provar que tenho conhecimento do crime, ou envolver-me no mesmo devido ao fato de eu o conhecer. Além do mais, *conhecem-me*. O anunciante me assinala como o dono do animal. Não sei até que ponto chega esse conhecimento. Se deixar de reclamar uma propriedade de tão grande valor, que se sabe que possuo, acabarei, pelo menos, por tornar o animal alvo de suspeitas. Não convém chamar a atenção sobre mim ou sobre ele. Responderei ao anúncio, recuperarei o meu orangotango e o conservarei preso até que esse caso seja esquecido".

Nesse momento, ouvimos passos na escada.

— Fique preparado — disse Dupin. — Apanhe as pistolas, mas não as use nem mostre até que eu lhe faça um sinal.

A porta principal da casa fora deixada aberta. O visitante entrou, sem bater, e subiu alguns degraus da escada. De repente, porém, pareceu hesitar. Ouvimo-lo, logo depois, descendo. Dupin dirigiu-se rapidamente para a porta, mas, nesse instante, ouvimos que ele subia de novo. Não retrocedeu pela segunda vez; pelo contrário, subiu a escada com decisão e bateu de leve à porta.

— Entre — disse Dupin, em tom alegre e cordial.

Um homem entrou. Era um marinheiro, evidentemente — um indivíduo alto, forte e musculoso, com uma expressão de arrogância não de todo desagradável. Seu rosto, bastante queimado pelo sol, estava quase que a metade oculto pelas suíças e o bigode. Tinha na mão um grosso cacete, mas, quanto ao resto, parecia desarmado. Saudou-nos desajeitadamente, pronunciou um "boa tarde" com acento francês, embora com um sotaque um tanto de Neuchâtel, mas bastante indicativo de sua origem parisiense.

— Sente-se, meu amigo — disse Dupin. — Suponho que vem reclamar o seu orangotango. Palavra que quase o invejo. É um belíssimo animal, de grande valor, sem dúvida. Que idade julga que ele tem?

O marinheiro lançou um longo suspiro, como alguém que se alivia de um pesado fardo e, depois, respondeu, com voz firme:

— Não sei dizer. . . Mas não deve ter mais do que uns quatro ou cinco anos. O senhor o tem aqui?

— Oh, não! Não temos aqui condições para isso. Está num estábulo da Rua Dubourg, aqui perto. Poderá apanhá-lo amanhã cedo. O senhor, naturalmente, está preparado para provar que ele lhe pertence.

— Sem dúvida, meu senhor.

— Sentirei muito ter de separar-me dele — disse Dupin.

— Não quero que o senhor tenha tido tanto trabalho a troco de nada — disse o homem. — Não pensaria em tal coisa. Estou disposto a recompensá-lo por ter achado o animal, contanto que seja uma quantia razoável.

— Bem — respondeu o meu amigo. — Tudo isso é, sem dúvida, muito justo. Deixe-me ver. . . Quanto deverei pedir-lhe? Oh, já sei. Minha recompensa será esta: o senhor me dirá tudo o que sabe sobre os crimes da Rua Morgue.

Dupin disse estas últimas palavras com voz muito baixa — e com grande serenidade. De maneira igualmente tranqüila, dirigiu-se à porta, fechou-a e pôs a chave no bolso. Tirou então uma pistola de sob o paletó e, sem demonstrar agitação alguma, colocou-a sobre a mesa.

O rosto do marinheiro afoqueou-se, como se ele, súbito, se sentisse sufocar. Pôs-se de pé de um salto e apanhou o cacete; mas, logo depois, deixou-se cair sobre a cadeira, a tremer violentamente, mortalmente pálido. Não disse uma única palavra. No íntimo de meu coração, senti pena dele.

— Meu amigo — disse Dupin, em tom amável —, asseguro-lhe que não há motivo algum para que se alarme dessa maneira. Dou-lhe minha palavra de cavalheiro, e de francês, que não pretendemos fazer-lhe mal algum. Sei perfeitamente que é inocente das atrocidades cometidas na Rua Morgue. Não posso negar, porém, que, de certo modo, o meu amigo está envolvido no caso. Pelo que já disse, compreenderá que, com respeito a este assunto, possuo excelentes meios de informação. . . meios em que o senhor jamais teria pensado. A questão se acha, pois, no seguinte pé: o senhor nada fez que tivesse podido evitar; nada, certamente, que o torne culpado. O senhor não é sequer culpado de roubo, quando poderia ter furtado impunemente.

O senhor nada tem a ocultar. Não há razão alguma para que oculte o que quer que seja. Por outro lado, é sua obrigação, segundo todos os princípios de honra, confessar tudo o que sabe. Um inocente acha-se preso, acusado de um crime cujo autor só o senhor pode indicar.

Enquanto Dupin proferia tais palavras, o marinheiro recobrou, pouco a pouco, sua presença de espírito. Mas toda a sua arrogância havia desaparecido.

— Que Deus me proteja! — disse ele, após breve pausa. — Vou contar-lhe tudo o que sei sobre esse caso. . . Mas não espero que o senhor acredite sequer na metade do que vou dizer. Seria um tolo, se esperasse. No entanto, *sou* inocente e, embora isso me custe a vida, vou contar-lhe tudo.

O que disse foi, em sua essência, o seguinte: havia, recentemente, feito uma viagem ao arquipélago Índico. Um grupo, do qual ele fazia parte, desembarcou em Bornéu e passou para o interior numa excursão de prazer. Ele e um seu companheiro haviam capturado um orangotango. Tendo esse companheiro morrido, o animal ficou sendo propriedade exclusivamente sua. Depois de muito trabalho, causado pela indomável ferocidade do animal durante a viagem de volta, conseguiu, afinal, alojá-lo em sua própria casa em Paris, onde, para não atrair a curiosidade desagradável dos vizinhos, o manteve cuidadosamente preso, até que se curasse de um ferimento no pé, produzido, a bordo, por uma lasca de madeira. Sua intenção era vendê-lo.

Uma noite, ou melhor, na manhã do crime, ao voltar para casa, depois de uma folgança em companhia de outros marinheiros, encontrou o animal em seu próprio quarto. Fugira do aposento contíguo, onde julgara que a fera estivesse seguramente presa. Com uma navalha na mão, todo lambuzado de sabão, estava sentado diante de um espelho, tentando barbear-se, operação em que provavelmente observara o seu dono através do buraco da fechadura. Aterrorizado, ao ver uma arma perigosa como aquela nas mãos de um animal tão feroz, e bem capaz de usá-la, o homem, durante alguns momentos, ficou sem saber o que fazer. Estava acostumado, porém, a acalmar o animal, mesmo nos

momentos em que este se mostrava mais feroz, por meio de um chicote, ao qual recorreu também naquela ocasião. Ao ver o chicote, o orangotango, de um salto, atravessou a porta do quarto, desceu a escada e, embaixo, deparando com uma janela, que se achava, infelizmente, aberta, saiu para a rua.

O francês o seguiu, desesperado. O orangotango, sempre com a navalha na mão, parava de vez em quando, olhava para trás e gesticulava para o seu perseguidor, até que, por fim, quase investiu contra ele. Depois, fugiu de novo. A perseguição continuou, dessa maneira, durante muito tempo. As ruas estavam em completa tranqüilidade, pois pouco faltava para as três horas da madrugada. Ao passar por uma viela situada atrás da Rua Morgue, a atenção do fugitivo foi atraída pelo brilho de uma luz procedente da janela aberta do quarto de Madame L'Espanaye, no quarto andar da casa. O animal precipitou-se em direção da casa e, percebendo o cano do pára-raios, subiu por ele com inconcebível agilidade, agarrou-se ao postigo, que estava inteiramente aberto de encontro à parede e, por meio dele, lançou-se diretamente sobre a cabeceira da cama. Tudo isso não durou mais do que um minuto. O orangotango, ao entrar no quarto, empurrou para trás o postigo, que ficou de novo aberto.

O marinheiro, então, sentiu-se, ao mesmo tempo, perplexo e alegre. Tinha, agora, grandes esperanças de recapturar o seu animal, pois este dificilmente poderia escapar da armadilha em que se metera, exceto por meio do cano do pára-raios, onde sua passagem poderia ser interceptada, quando descesse. Por outro lado, sentia-se grandemente inquieto pelo que o animal poderia fazer na casa. Esta última reflexão fez com que o homem continuasse a seguir o seu fugitivo. Não é difícil subir-se por um cano de pára-raios, principalmente se se tratar de um marinheiro; mas, quando ele chegou à altura da janela, que ficava bem para a esquerda, viu que não podia alcançá-la. Tudo o que pôde fazer foi lançar um olhar para o interior do quarto. Ao fazê-lo, quase despencou de onde estava, tal o horror que o assaltou. Foi então que se ouviram os terríveis gritos que despertaram, no silêncio da noite, os vizinhos da Rua

Morgue. Madame L'Espanaye e a filha, ambas de camisola, estavam ocupadas, ao que parecia, em colocar alguns papéis numa arca de ferro que, provida de rodas, fora empurrada para o meio do quarto. A arca estava aberta e o seu conteúdo colocado sobre o assoalho. As vítimas deviam estar sentadas de costas voltadas para a janela e, a julgar pelo tempo decorrido entre a entrada da fera e os gritos, parece provável que a presença do animal não foi imediatamente notada. O bater do postigo foi atribuído, naturalmente, ao vento.

Enquanto o marinheiro observava o interior do quarto, o gigantesco animal agarrou Madame L'Espanaye pelos cabelos (que estavam soltos, pois ela os estivera penteando) e pôs-se a brandir a navalha junto de seu rosto, imitando os movimentos de um barbeiro. A filha permanecia prostrada e imóvel. Desmaiara. Os gritos e a luta e os esforços desesperados da anciã (durante os quais os cabelos lhe foram arrancados da cabeça) tiveram o efeito de converter em ira os propósitos provavelmente pacíficos do orangotango. Com um movimento decidido de seu hercúleo braço, o animal quase lhe seccionou a cabeça do corpo. A vista do sangue inflamou a ira da fera, transformando-a em frenesi. Rangendo os dentes e a lançar faíscas pelos olhos, o orangotango lançou-se sobre o corpo da jovem e enfiou-lhe as terríveis garras na garganta, só a deixando depois que a mesma expirou. Seus olhares ferozes e irrequietos pousaram, nesse momento, sobre a cabeceira da cama, sobre a qual mal se distinguia o rosto de seu dono, petrificado de horror. A fúria da besta, que, sem dúvida, ainda se lembrava do temível chicote, se converteu instantaneamente em medo. Compreendendo que o que fizera merecia castigo, pareceu desejosa de ocultar a sua sangrenta ação, e pôs-se a dar saltos pelo quarto, tomada de angustiosa agitação, derrubando e quebrando móveis com seus movimentos e arrancando o colchão da cama. Por fim, agarrou primeiro o corpo da moça e introduziu-o na chaminé, tal como foi encontrado; depois, o da anciã, atirando-o de cabeça pela janela.

Ao ver o macaco aproximar-se da janela com o seu fardo mutilado, o marinheiro, horrorizado, encolheu-se de encon-

tro ao cano do pára-raios e, mais deslizando do que agarrando-se ao mesmo, fugiu imediatamente para casa, temendo as conseqüências da carnificina e abandonando de bom grado, em seu terror, qualquer preocupação pelo que pudesse acontecer ao orangotango. As palavras ouvidas, da escada, pelas testemunhas, eram as exclamações de horror e espanto proferidas pelo francês, misturadas aos diabólicos ruídos emitidos pelo animal.

Pouco tenho a acrescentar. O orangotango deve ter fugido pela janela e descido pelo cano do pára-raios pouco antes de a porta haver sido arrombada. Deve ter fechado a janela, depois de passar por ela. Foi, mais tarde, capturado pelo seu próprio dono, que o vendeu ao Jardin des Plantes, obtendo uma grande quantia. Le Bon foi posto imediatamente em liberdade, depois de termos narrado o que sabíamos (com alguns comentários por parte de Dupin) na delegacia de polícia. O delegado, embora favoravelmente disposto para com o meu amigo, não pôde esconder inteiramente o seu desagrado pelo rumo que as coisas haviam tomado, permitindo-se dizer uma ou duas frases sarcásticas sobre a conveniência de cada qual tratar de seus próprios assuntos.

— Deixemo-lo falar — disse Dupin, que não julgara necessário responder. — Que fale à vontade. Isso lhe acalmará a consciência. Sinto-me satisfeito de tê-lo derrotado em seu próprio terreno. Não obstante, o fato de não haver acertado com a solução desse mistério não é coisa assim tão estranha como ele supõe, pois a verdade é que o nosso amigo delegado é um tanto astuto demais para que possa ser profundo. Sua sabedoria carece de *base*. Todo ele é cabeça, mas sem corpo, como as pinturas da deusa Laverne — ou, quando muito, é todo cabeça e ombros, como o bacalhau. Mas, apesar de tudo, é uma boa criatura. Aprecio-o, principalmente, por ele ser mestre em sua cantilena, à qual deve a sua reputação de homem sagaz. Refiro-me à sua maneira “*de nier ce qui est, et d’expliquer ce qui n’est pas*”¹.

¹ De negar o que é e explicar o que não é. — Rousseau, Nouvelle Héloïse.

Continuação de
“Os crimes da Rua Morgue”

O MISTÉRIO DE MARIE ROGËT¹

Pouco depois de escrever sobre os pensamentos que me atormentavam, que sempre me não haviam sido revelados a respeito do matador, vejo, em uma das páginas da subterfugada, escrita e publicada em um caráter tão extraordinário, que a realidade não pode admitir simplesmente como tais:

Quando de publicação, pela primeira vez de Marie Rogêt, os jornais da França, foram apresentadas, foram julgadas desconfianças, mas a publicação de vários outros, desde que se tornou a questão, em que a investigação se baseia, mais convenientemente a sua publicação, logo foram algumas palavras de expurgação sobre a plausibilidade do caso. Uma mulher, Marie Rogêt, foi assassinada nos “*Quartiers de la Nive*” em 1826. Ela, e antes, sob o pretexto de passar a noite em um dos seus parentes, acerta, nos minutos parvos de sua existência, relativos ao assassinio verdadeiro de Marie Rogêt, apresentando apenas, paralelamente, certos detalhes semelhantes. Além do argumento, baseado na ficção, é admi-